

**DESEJO
PROIBIDO**
Livro 3

Amor

sem medidas

SOPHIE JACKSON



Como se mede um
amor que parece
maior que o mundo?



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para você. Obrigada.

Meu coração é e sempre será seu.

– Jane Austen

PRÓLOGO

Ele tinha 8 anos quando a viu pela primeira vez.

Encantado, ficou parado com a bicicleta entre as pernas, vendo a família tirar caixas de um caminhão de mudanças diante daquela casa na rua da escola. Ela rodopiava no gramado. Quando girava, o cabelo louro – preso em marias-chiquinhas – se lançava pelo ar como as pás da hélice de um helicóptero. Usava um short jeans, sandálias cor-de-rosa e uma camiseta de um rosa ainda mais forte, com o desenho de um arco-íris no peito. A menina saltitava e pulava, cantava e ria sob o sol quente. Não tinha uma preocupação sequer.

E era simplesmente a criatura mais linda que ele já vira.

Pensando agora, ele tinha quase certeza de que havia se apaixonado naquele mesmo dia. Ela era leve, cheia de cores, empolgante. E uma novidade. Risos nos dias de verão e aventuras depois da escola. Embora os irmãos pegassem no pé dele sem dó nem piedade, ele e a garota logo ficaram amigos e passaram a andar de bicicleta juntos. Ela tinha até um skate e o ensinou a usá-lo. Subia em árvores, atirava pedras em prédios abandonados e roubava balas de uma loja; era só ele dizer que duvidava e ela fazia.

Ela era a coisa mais legal do mundo.

Cresceram juntos, brigaram, fizeram as pazes e trocaram o primeiro beijo quando tinham 14 anos, bem na época em que ele percebeu que gostava dela de um jeito que o fazia se sentir meio estranho. Ela já não era apenas sua melhor amiga: era algo mais. Era nela que ele pensava quando estava sozinho e o irmão mostrava as fotos das revistas que a mãe não deixava que eles lessem.

No dia em que a garota fez 17 anos, o rapaz finalmente lhe mostrou o que ela representava para ele. Na caçamba da picape, forrada com mantas e almofadas, penetrou o corpo dela sob as estrelas, sussurrando quanto a amava, prometendo que isso nunca iria mudar. Que os sentimentos que ele

nutria por ela sempre seriam os mesmos. Que nunca haveria mais ninguém na sua vida. Ela era tudo de que precisava, tudo que poderia desejar.

Eles tinham todo o futuro pela frente, nus e ofegantes em meio ao clima de verão, bem colados um ao outro, e nem imaginavam que, apesar de todas aquelas promessas, a vida tinha outros planos para os dois.

1

– Mais forte! Ai, meu Deus, mais forte!

Riley Moore deu um risinho e segurou as pernas esguias apoiadas em seus ombros.

– Que Deus, que nada. – Ele começou a fazer movimentos mais vigorosos, exatamente como ela havia pedido. – Sou só eu.

Caramba, como ele precisava daquilo!

– Assim! Mais!

O cabelo da mulher se espalhava pelo travesseiro como uma imensa mancha negra. Ela arqueou as costas e começou a apertá-lo entre as suas pernas, se contraindo de tal forma que bastaram mais três estocadas firmes e profundas para ele gozar, soltando um grunhido alto. Depois, ofegante, Riley desabou sobre o corpo dela, mergulhando no seu pescoço e nas poças de suor em suas clavículas.

– Cacete, Moore! – exclamou ela, deixando as pernas caírem de volta na cama. Pôs uma das mãos entre os seios e balançou a cabeça. – Você tem que me ligar mais vezes, querido – completou, dando uns tapinhas na nuca dele.

– Já volto – respondeu Riley, levantando a cabeça e erguendo o corpo de cima dela.

Tirou a camisinha, jogou-a no lixo e atirou uma toalha para a mulher esparramada na cama, sem fôlego. Observou enquanto ela enxugava o corpo, descendo a toalha do pescoço até as coxas e entre elas. Carla era muito bonita, um verdadeiro furacão transando, mas a relação dos dois se limitava a sexo e, havia meses, funcionava perfeitamente bem.

Sorrindo, Riley mijou na privada, sentindo aquela espécie de aura pós-transa envolvê-lo como em um abraço aconchegante. Balançou o pau, lavou as mãos e voltou pelado para o quarto. Com a cabeça, fez um gesto de aprovação ao ver que ela já estava parcialmente vestida, fechando o sutiã.

Adorava a inexistência de qualquer obstáculo emocional entre eles. Carla vestiu a blusa branca e checou a maquiagem num espelhinho, levando a mão às marcas vermelhas que a barba malfeita de Riley havia deixado no seu pescoço.

Ela lhe lançou uma olhadela acusatória e ele deu de ombros. Carla adorava aquilo, como a maioria das mulheres que já tinham ido para a cama com ele. Algumas chegavam até a pedir que deixasse marcas, o que Riley fazia sem pestanejar. Era muito sexy ver o próprio desejo gravado na pele de suas amantes.

Ele pegou a calça jeans junto à porta do quarto, onde Carla a havia atirado, e se vestiu sem fechar o zíper. Ela passou por ele ajeitando o cabelo e foi pegar a bolsa que estava na mesinha de cabeceira do seu lado. Carla retirou o celular e pressionou uma ou duas teclas, com a testa franzida.

– Preciso ir – disse ela, jogando o telefone de volta na bolsa. – O trabalho me chama.

Riley assentiu, olhando aquelas pernas delineadas pela saia justa que ia até os joelhos. Caramba, que pernas lindas! O restante das roupas era sem graça, peças profissionais. Por um instante, ele se perguntou se outros homens poderiam descobrir aquela mulher selvagem escondida por trajes tão conservadores. Quem diria que uma contadora poderia ser tão interessante? Carla se virou para Riley, que estava parado atrás dela, encostado na parede de modo despreocupado, e foi descendo com o dedo indicador até o meio do peito dele, ainda úmido.

– Mais uma vez, obrigada, gato – murmurou ela, dando um beijinho no canto da boca de Riley. – Há um bom tempo eu não tinha um encontro assim na hora do almoço. Tenho certeza que em breve vamos nos ver de novo.

– Também tenho – falou ele, com uma piscadela.

Carla sorriu, deu mais uma ajeitada no cabelo e foi embora. Riley soltou uma risadinha e voltou ao banheiro para tomar um banho e tirar o cheiro de sexo, impregnado em cada poro de sua pele.

Meia hora depois, estava de volta à oficina O'Hare, debaixo de um incrível Ford Galaxie 1965, embalado pelo som do Guns N' Roses nas alturas e pelo prazer que sentia no trabalho. Adorava investigar os veículos que chegavam à oficina. Sempre adorara tudo aquilo, desde que o pai lhe apresentara o primeiro motor, quando ele tinha 10 anos. Riley

fora o único dos quatro filhos de Park Moore que demonstrara algum interesse pelo negócio do pai, que se empenhara bastante em prepará-lo para assumir tudo, inclusive pagando seus estudos na Universidade de Nova York.

Não que isso tivesse servido para alguma coisa...

Com um suspiro, Riley pegou uma chave de roda. Ele não deixaria a relação complicada com o pai estragar o seu dia. Além do mais, só podia culpar a si mesmo pela situação. Um processo por receptação de objetos roubados e uma sentença de dezoito meses de detenção no presídio Arthur Kill acabaram com todas as esperanças que Park pudesse ter em relação ao futuro empresarial do filho. Um antecedente criminal não o levaria muito longe.

– Ei, Moore, está aí embaixo?

Riley sorriu ao ouvir o tom de voz agitado de Max O'Hare.

– Estou, cara. O que houve?

Botas surgiram na lateral do carro, na altura dos tornozelos de Riley.

– Preciso que me ajude com estas notas fiscais. Estou ficando vesgo de tanto olhar para elas.

Riley riu e parou o que estava fazendo. Com um impulso dos pés, fez a prancha deslizar e sair de baixo do carro. Piscando por causa das luzes fortes no teto, ele olhou para Max, que parecia exausto.

– Matemática não é comigo – resmungou Max, acenando com um punhado de papéis bem diante do nariz de Riley. – Socorro!

Bufando, Riley se levantou da prancha e pegou os papéis das mãos do amigo.

– Eu ajudo, claro.

Max havia herdado a oficina depois da morte do pai. Durante algum tempo, até conseguiu administrar o negócio, mas, cerca de um ano e meio antes, tinha sido internado numa clínica de reabilitação por causa das drogas. Fora um período bem difícil, mas, enquanto Max se recuperava, Riley assumiu a O'Hare com a ajuda financeira de Carter, amigo dos dois, e fez com que o lugar continuasse a lucrar.

Eles já eram amigos por quase uma década, e ajudá-lo era o mínimo que Riley podia fazer. Depois que Max voltara para casa, resolveram somar os conhecimentos que tinham de negócios e de carros e tocar aquilo juntos, aproveitando o fato de Carter estar disposto a investir na oficina. Antes do

tempo na prisão e quase dois anos após ter se formado pela Universidade de Nova York, Riley tivera um negócio próprio: uma pequena mas bem-sucedida oficina mecânica, do outro lado da cidade. Claro que, durante os meses passados em Arthur Kill, Riley perdera muitos clientes e, por fim, precisou vender a empresa. Usou o dinheiro para quitar o apartamento e todas as dívidas que tinha, entre elas uma que herdou do pai: os 100 mil dólares de mensalidades da graduação. Riley ficou arrasado por ter que abrir mão da oficina daquele jeito, mas não tinha escolha.

Ele estava desesperado para voltar à ativa e a sociedade com Max surgiu como a solução perfeita.

Max pensava como ele e, agora que o amigo dividia o tempo entre a Virgínia Ocidental e Nova York, a maior parte das responsabilidades administrativas da oficina ficaram nas mãos de Riley, o que ele aceitou numa boa. Em geral, as pessoas o enxergavam apenas como um mulherengo sarado e cheio de tatuagens – o que em parte era verdade. Porém, apesar das aparências, Riley era bastante inteligente e a única coisa de que gostava mais do que mulheres e motores eram os números.

– Pronto para hoje à noite? – perguntou ele a Max, quando estavam entrando no escritório.

– Paintball? – indagou o amigo, fechando a porta. – Já nasci pronto, cara.

– Estalou os dedos das mãos. – Prepare-se para se ferrar bonito.

Rindo, Riley sentou na cadeira atrás da grande escrivaninha de madeira.

– Você está sabendo que o meu irmão vai levar três dos antigos amigos fuzileiros com ele, não está? Acho que não sou só *eu* que vou me ferrar.

– Não estou nem aí... – respondeu Max, com um gesto de desdém. – Desde que não mirem no meu pau, por mim tudo bem.

Riley ergueu a sobrancelha.

– Eles são fuzileiros. Mirar no saco é o que eles fazem...

Os dois riram. Era bom ver Max tão relaxado e feliz. As coisas nem sempre foram assim. Era uma luta diária para se manter livre das drogas, mas a mulher dele, Grace, lhe dera uma nova vontade de viver. E Riley não poderia estar mais alegre com isso. Acreditava que, de todos os seus amigos, era Max quem mais merecia ser feliz.

Os últimos doze meses tinham trazido mudanças importantes ao grupo de amigos mais próximos de Riley. Carter estava casado havia quase um ano e, apesar de uns poucos momentos de turbulência no início, ele parecia

mais apaixonado do que nunca. Lá estava Max, feliz da vida, e ainda havia os caras na oficina, sempre falando das mulheres e dos filhos.

Riley imaginava que isso tudo era normal quando um homem e os amigos estão chegando à casa dos 30 anos: a vida muda e as pessoas viram adultas. Mas Riley não estava convencido de que iria cumprir essa última etapa, por mais idade que tivesse. Ainda assim, mesmo quando estava todo contente, mergulhando de cabeça no trabalho ou ligando para alguma garota da sua lista de sexo casual sempre que sentia necessidade – o que acontecia com bastante frequência –, ele se pegava imaginando como seria se finalmente decidisse sossegar.

Os pais tiveram um casamento feliz por mais de 35 anos, com quatro filhos, portanto a ideia de assumir um compromisso sério com alguém não era uma realidade que Riley desconhecesse. Na verdade, ele tinha 8 anos quando pensou nisso pela primeira vez...

– Então, e aí?

Riley ergueu os olhos e viu Max sentado do outro lado da escrivaninha. O amigo olhava ansioso para as notas fiscais, que Riley encarava sem prestar a menor atenção. Não fazia ideia do que estava escrito ali. Mesmo assim, passou a mão pelo queixo barbado e sorriu.

– Está tudo bem, cara. Não se preocupe.

Max estreitou os olhos.

– Tem certeza? – Voltou a se recostar na cadeira. – Tem certeza de que está tudo bem?

Riley conhecia aquele tom de voz. De vez em quando, Max o usava para implicar com o amigo. E a culpa era toda sua. Algum tempo antes, quando Max ainda estava paquerando Grace, Riley fez um comentário idiota sobre perder o amor ou qualquer besteira do gênero e, sabe-se lá por quê, Max nunca se esquecera disso.

Aquilo só significava que o amigo estava preocupado, mas Riley não estava com a menor vontade de falar sobre o próprio passado, embora o sonho da véspera – a imagem detalhada da primeira vez que tinha visto *a garota*, toda de rosa e com marias-chiquinhas louras – ainda ocupasse um espaço lá no fundo de sua mente. Era tão estranho... Fazia tempo que não tinha um sonho assim, e foi por isso que Riley chamou Carla para uma rapidinha na hora do almoço: um alívio passageiro para a tristeza que ainda persistia.

Enquanto a imagem da menina linda e loura continuava a dançar pelos números impressos nos papéis que tinha nas mãos, Riley pigarreou, tentando ao máximo manter as lembranças bem trancadas em sua mente.

Lexie.

Não, pensou ele, se punindo em silêncio. Aquilo era passado. E não havia como mudar o passado, por mais que desejasse o contrário.

– Está tudo às mil maravilhas – respondeu Riley, espalhando as notas fiscais na mesa.

Não era mentira. Estava dizendo a verdade. Tudo *estava* bem. Vinha trabalhando muito. Tinha ótimos amigos e mulheres para esquentar sua cama sempre que quisesse. E, ainda por cima, morava na cidade que tanto amava. Que motivo teria para se sentir triste?

– Pode parar – continuou, com os olhos ainda pregados nos papéis. – Dá para ouvir daqui a sua cabeça dando voltas.

Max bufou e cruzou os braços.

– Ok. Fique aí então com os seus segredos.

Riley ergueu os olhos.

– É o que vou fazer – replicou, voltando a examinar as notas fiscais.

– Hoje você chegou um pouco mais tarde do almoço – comentou Max, num tom descontraído, nitidamente tentando mudar de estratégia. – Quem era a garota?

Riley soltou uma risada e balançou a cabeça.

– Por que você acha que tem uma garota na história?

– Porque você é igualzinho ao Obi-Wan Kenobi com as mulheres.

– Qual é! – disse Riley, franzindo a testa e erguendo os olhos. – Por favor, eu sou o Han Solo.

– Que seja... – O amigo insistiu, com um gesto: – E então, quem era?

Riley suspirou, conformando-se com o fato de que conhecia Max bem o bastante para saber que ele não iria desistir.

– Carla.

As sobrancelhas de Max se ergueram de repente.

– A das pernas deliciosas? A contadora?

Riley coçou a nuca com a ponta de uma caneta que pegou de cima da escrivaninha.

– A própria.

Max se encostou novamente na poltrona.

– Legal! Ela é gostosa.

Era mesmo. Sem dúvida alguma. E ótima de cama. Mas, por melhor que tivesse sido, Riley ainda sentia uma pequena tensão nos ombros, que estava lá desde que acordara daquele maldito sonho. *Ela rodopiava e ria. As cores giravam, o cabelo louro brilhava.* Riley sentiu os lábios começarem a se repuxar levemente diante da lembrança daquelas benditas sandálias cor-de-rosa que ela tinha usado durante todo o verão. *Céus!* Esfregou as sobancelhas com o dedo. Os dois tinham 8 anos e não faziam ideia do que a vida reservaria para eles.

E isso não era triste?

Não sabia onde ela morava, nem mesmo se tinha ficado em Michigan, onde se conheceram. Pelo menos foi lá que a tinha visto pela última vez, no aniversário de trinta anos de casados dos pais, cinco anos antes.

Depois que Riley voltara para Nova York, atendendo ao pedido firme de Lexie para que nunca mais se aproximasse ou tentasse falar com ela, ele começou a procurar velhos amigos em busca de informações a respeito dela. Mas não durou muito. Desde aquela noite em que a deixou chorando na varanda da casa da mãe, Riley não tinha o direito de querer saber de Lexie Pierce ou de se preocupar com ela.

Tinha rompido todos aqueles laços e sabia como seria difícil reconstruí-los. Muita coisa havia sido feita, e muitas palavras foram ditas. Ele tinha aprontado demais, feito péssimas escolhas e magoado aqueles que mais amava.

Além disso, pensou ele em tom de deboche, finalmente se concentrando nos números que estavam à sua frente, só naquelas novelas horrorosas que a sua mãe gostava de ver é que um sujeito conseguia ficar com a mulher que amava havia 21 anos.



– Cacete, acho que você quebrou minha costela!

Carter levantou a camiseta pela centésima vez, exibindo a mancha roxa redonda que se intensificava debaixo do seu mamilo esquerdo.

– Olha só o que eles fizeram comigo! – exclamou, agora se dirigindo à garçonete que servia água no copo de Tate.

Ela deu um risinho e balançou a cabeça antes de se afastar.

O machucado era resultado de um lance de Riley no paintball, quando ele disparou a arma no estilo do filme *Bad Boys*. Foi simplesmente incrível, e Carter passou quase três horas reclamando do hematoma. Pelo visto, estava doendo mesmo. E Riley não conseguia parar de rir.

– Deixa de ser chorão – disse Tate, irmão de Riley, rindo e cutucando o amigo fuzileiro, Steve. – Nem deve estar doendo tanto assim.

– Que saco! – resmungou Carter, puxando a camisa para baixo e se ajeitando na cadeira.

Uma algazarra de gozações tomou conta da mesa e, mais uma vez, ele tentou se vingar dando um tapa em Riley.

– Também estou machucado – protestou Riley, se esquivando do ataque do amigo. – Esse cara aqui não me ajudou em nada – brincou, cutucando o bíceps do irmão.

– Pois você deveria me agradecer – disse Tate sorrindo e dando de ombros.

– Por quê?

– Por aturar você.

– Ah, claro. – Riley revirou os olhos. – Muito atencioso da sua parte! Eu devia aproveitar e pedir para você furar o meu pau com uma agulha quente.

Tate não se abalou.

– Tenho um garfo – disse, pegando os talheres.

– Ótimo – respondeu Riley. – Pode ficar com ele. E junte com o resto que já está enfiado no seu rabo.

– Meu Deus! – lamentou Max, passando as mãos pelo rosto. – Eu tinha esquecido como vocês dois eram...

Os irmãos olharam para Max como se ele fosse louco e disseram, ao mesmo tempo:

– O quê?

Todos na mesa riram. Na verdade, Riley estava orgulhoso porque o irmão tinha ganhado a partida de paintball com apenas alguns disparos. Quando ainda estava no Exército, Tate fora ferido na explosão de uma bomba. Depois disso, Riley e o restante da família passaram semanas sem saber se o rapaz voltaria a abrir os olhos, e jamais imaginaram que ele algum dia poderia derrotar um bando de babacas numa disputa de paintball! Para alguém que precisava usar uma bengala durante 80% do tempo e dependia de tantos analgésicos, Tate era uma lição para todos eles.

– Coloca gelo e toma um anti-inflamatório. Vai ficar bom logo, logo – disse Tate para Carter.

– Obrigado, *doutor* – respondeu o amigo, em tom de gozação.

– Ei, olhe pelo lado bom – falou Ben, um colega de trabalho de Carter que estava sentado ao lado de Max. – É uma desculpa para Kat cuidar de você.

Carter apontou um dedo na direção dele.

– Isso é verdade.

– Pelo amor de Deus! – retrucou Max, debochando. – Quando ela olhar para você, vai perguntar o que aconteceu e cair na gargalhada.

Carter virou o dedo para Max.

– Isso também é verdade – disse, e deu uma risadinha segurando o copo de Coca diante do rosto. – Mas pelo menos devo ganhar alguns pontos no quesito masculinidade, né?

Riley e Max trocaram um olhar de dúvida, fazendo Carter rir ainda mais. Nossa, Riley adorava aquilo. Essas noites só com os amigos tinham começado pouco depois da despedida de solteiro de Carter em Las Vegas. Dessa vez, o público era grande: dez ao todo, incluindo Paul e Cam, da oficina. A quantidade de participantes variava, dependendo de quem estava disponível, mas Riley, Max, Carter e Tate tentavam se reunir pelo menos uma vez a cada dois ou três meses.

Ir a boates e beber estavam fora da lista de atividades possíveis, já que Max e Tate continuavam se recuperando dos seus vícios, mas isso não tinha a menor importância. Eles jogavam paintball, boliche ou simplesmente se reuniam para jantar. O que contava mesmo era passarem algum tempo juntos, se divertindo e falando da vida, do trabalho e de mulheres. Não que Riley tivesse muito a conversar com os outros sobre esse último assunto: agora, ele e Tate eram os únicos solteiros ali. Isso, porém, não os impedia de fazer comentários sobre o relacionamento dos demais.

– Então, rapazes, conto com vocês na exposição da Grace esse fim de semana? – perguntou Max antes de dar uma mordida caprichada no seu *cheeseburger* com bacon.

A namorada de Max era fotógrafa e ultimamente vinha atraindo muita atenção no mundo das artes.

Riley fez que sim com a cabeça.

– Até já comprei o meu ingresso.

– Claro – disse Carter, enquanto Ben erguia os polegares, concordando. Os olhos de Carter se voltaram para Riley. – Quem você vai levar desta vez, Moore?

– A latina? – indagou Paul, animado, com os olhos cinzentos arregalados.

– Não, cara, aquela que foi modelo da Victoria Secret – interveio Cam, quase pulando da cadeira.

Riley deu um risinho.

– Vou levar quem for sortuda o bastante para ser a escolhida.

Carter balançou a cabeça e Tate, ao seu lado, resmungou qualquer coisa. Riley passou o braço pelos ombros do irmão.

– Ei, qual é? Não fique com ciúme. Não me importo de compartilhar...

Tate se desvencilhou do abraço.

– A única coisa que vai compartilhar é uma DST. Só espero que esteja protegendo esse troço aí.

– Sempre – respondeu Riley, pondo uma batata frita na boca.

– Ele, sozinho, consegue manter todas as fábricas de camisinha funcionando – observou Max, com um olhar brincalhão.

Riley inclinou a cabeça, fingindo seriedade.

– Ora, vejam só... O cara está num relacionamento monogâmico há cinco segundos e já se acha o guardião da moral. – Ele se abaixou para desviar do sachê de ketchup que veio voando na sua direção e apontou para o outro lado da mesa. – Violência nunca foi solução para nada.

– É, mas faz eu me sentir bem melhor – retrucou Max, voltando a se esparramar na cadeira.

– Eu também me sinto melhor – disse Tate, dando um tapa na nuca do irmão.

Riley preparou o braço para revidar, mas Tate ergueu a palma da mão para ele.

– Ah! Não vai bater num aleijado, vai?

Com uma gargalhada, Riley empurrou o irmão.

– E que aleijado!

Tate sorriu, então enfiou a mão no bolso. Pegou o celular e franziu a testa ao olhar para a tela. Empurrou a cadeira, pegou a bengala e, levantando-se, atendeu a ligação.

– Oi, mãe.

Riley observou o irmão ir até a porta do restaurante, onde poderia ou-

vir melhor. Uma sensação nada comum de preocupação se instalou na sua garganta. Não era estranho a mãe ligar, muito pelo contrário. Mas tinha alguma coisa naquele horário, quase nove da noite num dia de semana, que deixou os pelos da nuca de Riley arrepiados.

– Está tudo bem? – perguntou Carter, baixinho.

Riley assentiu, sem tirar os olhos do irmão.

– Claro.

Assim que Tate enrijeceu e endireitou as costas, Riley soube que havia acontecido alguma coisa. O medo se confirmou quando o irmão veio caminhando de volta, com as sobrancelhas franzidas e os olhos procurando por ele em meio às garçonetes e aos outros clientes. Riley sentiu o estômago se revirar e se levantou depressa, fazendo a cadeira arranhar o assoalho de madeira. Quanto Tate chegou à mesa, ainda estava com o celular colado no ouvido.

– ... foi o que o médico disse?

– Médico? – perguntou Riley, embolando o guardanapo e atirando em cima do prato que ainda não tinha terminado. – O que...

Tate balançou a cabeça, impedindo o irmão de continuar.

– Bom, é o procedimento habitual. É. E os sinais vitais? – Franziu mais a testa e engoliu em seco. – Seb está aí?

Riley pegou a carteira e atirou algumas notas de 20 em cima da mesa, pagando por duas refeições que eles mal tinham começado a comer. Carter e Max também se levantaram, parecendo prontos para fazerem o possível para ajudar. Tate podia ter o mesmo sangue que Riley, mas nem por isso aqueles dois outros homens ao seu lado eram menos seus irmãos.

Tate esfregou a testa com as pontas dos dedos, nervoso.

– Claro, mãe, estamos a caminho. Aguarde firme, ok? Vamos pegar o primeiro avião que conseguirmos.

Carter já estava tirando o celular do bolso para fazer uma ligação.

– O que foi? – perguntou Riley a Tate, assim que o irmão desligou o telefone.

Tate suspirou.

– Papai teve outro infarto – respondeu.

Riley soltou o ar pelo nariz com força, sentindo o peito apertado.

– Merda! Ele está mal?

Observou atentamente o rosto do irmão, percebendo o médico que havia nele aflorar.

– Está sendo preparado para a cirurgia – respondeu Tate.

Riley não pôde deixar de notar que o irmão não tinha respondido à sua pergunta.

– Seb já está lá – acrescentou, referindo-se ao irmão caçula. – Precisamos arranjar um voo.

Carter, com o celular colado ao ouvido, ergueu uma das mãos, pedindo que eles esperassem um pouco.

– Isso. Serão dois passageiros – disse ele, dirigindo-se a quem quer que estivesse do outro lado da linha. – Assim que o avião estiver pronto. Ok. Direto para... – Carter ergueu uma das sobrancelhas para Riley, numa pergunta silenciosa.

– Aeroporto Cherry Capital, Traverse City – disse Tate e, então, virou-se para Riley. – Ele está no Centro Médico de Munson. Vamos levar uns quinze minutos de táxi até lá.

Riley meneou a cabeça. Sentia a ansiedade e o desespero percorrendo todo o seu corpo. Não estava acostumado àqueles sentimentos e, honestamente, aquilo o deixava apavorado. O seu pai. No hospital. Desde o período que passara na prisão, a relação entre os dois era no mínimo complicada, e a ideia de que o pai pudesse morrer antes que Riley tivesse tempo de se acertar com ele o deixava em pânico. Respirou fundo e fechou os olhos. Que diabo ia fazer se alguma coisa acontecesse com o pai? Sua mãe ficaria arrasada. Era o segundo ataque cardíaco que ele tinha em dois anos e, da última vez, os médicos disseram que...

Riley pressionou a testa com a mão e pigarreou, numa tentativa de se acalmar.

Carter desligou e deu uns tapinhas de leve no celular.

– O jato da empresa vai estar pronto para levar vocês dois em cerca de uma hora e meia.

Mal se contendo de tanta gratidão, Riley fitou o amigo nos olhos e deu uma palmadinha no ombro de Carter.

– Obrigado, cara!

– Estou às ordens para o que precisarem.

– Vamos! – exclamou Tate, apressando o irmão. Passou pelos amigos e atravessou o restaurante, indo em direção à saída. – Dá tempo de passar na sua casa e pegar algumas coisas antes. Vamos a pé. Vai ser mais rápido do que tentar pegar um táxi.

Riley pegou o paletó no encosto da cadeira.

– Vamos de táxi, Tate. A sua perna não vai aguentar essa distância. – Riley ignorou o olhar fulminante do irmão. Já estava imune àquilo. – Temos tempo – acrescentou, para acalmar os ânimos.

Não gostava de se referir à deficiência do irmão na frente de outras pessoas, mas, às vezes, o babaca era teimoso demais...

Tate suspirou e comprimiu os lábios. Era o seu jeito de dizer “Discutimos isso mais tarde”. Depois, voltou a andar e saiu para a rua.

Riley seguiu o irmão, mas ainda falou com os amigos que, agora, estavam de pé em volta da mesa:

– Telefone quando chegar lá. – Então, se dirigiu a Carter: – Mais uma vez, obrigado. Max, não consegui... As contas da oficina precisam...

– Vai logo – disse Max, apontando na direção da porta por onde Tate havia saído. – Está tudo bem. Pode deixar que eu cuido disso.

Riley baixou a cabeça, se virou e, ao sair do restaurante, viu que o táxi que o irmão havia chamado já estava junto ao meio-fio. Tate abriu a porta e olhou para trás, na sua direção. Parou por um instante e os seus olhos, sempre tão seguros e cautelosos, brilhavam de medo. Riley gelou. A única vez que tinha visto aquele olhar no rosto do irmão foi na manhã em que ele acordou do coma induzido, enquanto os médicos cuidavam dos terríveis ferimentos que Tate havia sofrido em missão.

– Puta que pariu! – exclamou Riley. – E se...

– Nem pense nisso – interrompeu Tate, com uma voz calma que fez Riley se lembrar da época em que eram crianças.

Tate pôs a mão no ombro do irmão.

– Cara... – Riley ergueu os olhos para o céu. – Não falo com ele desde...

Meu Deus, já fazia quase três anos! A conversa tinha ocorrido no outono depois que saíra da prisão. Trocaram palavras ásperas e, depois, só silêncio, o que foi provavelmente pior do que qualquer palavra de desapontamento ou amargura que pudesse brotar dos lábios do pai.

Quando ele tivera o primeiro ataque cardíaco, dois anos antes, Riley foi vê-lo no hospital e ficou com a mãe até ele recuperar a consciência. Mas os dois não se falaram. O pai ainda estava tão bravo que não queria nem olhar para ele. Sabendo muito bem que tipo de homem era Park Moore, e respeitando o tempo do pai para digerir e assimilar a decepção que tivera com o filho, Riley simplesmente ficou de boca fechada.

– Venha – disse Tate, indicando o táxi com um gesto. – Temos que ir. Vai dar tudo certo.

Riley tinha esperanças de que o irmão tivesse razão, já que, para ser honesto, não era apenas a ideia de ver o pai que fazia o seu coração disparar.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

